

ENTRE SILÊNCIOS E NEGAÇÕES: O BULLYING NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS-AM

Tereza de Jesus Pires Carvalho¹
Marcianne Souza da Silva²
Sasquia Rodrigues Vieira³
Maria Audirene de Souza Cordeiro⁴
Corina Fátima Costa Vasconcelos⁵

RESUMO

Este artigo socializa os resultados de uma pesquisa exploratória com o objetivo de analisar os tipos de bullying manifestados pelos estudantes. A pesquisa de cunho qualitativo envolveu estudantes do 1º ao 5º ano, com idade entre 6 e 12 anos. O estudo fundamentou-se nos aportes teóricos de Mota (2012), Fante (2005), Hoertel (2013), Esteve e Arruda (2014), Ferreira e Silva Filho (2017), Escorel, Escorel e Barros (2009). As observações foram realizadas dentro da sala de aula e durante as atividades pedagógicas internas e externas. Os casos visíveis de *bullying* foram registrados em fichas e os demais foram manifestados pelos (as) alunos (as) por meio do “painel das emoções”, desenhos e produção textual. Os resultados evidenciaram os principais tipos de agressões físicas e psicológicas, como xingamentos em relação à compleição física (peso, condição econômica, altura) e etnia (cor da pele e tipo de cabelo). Apesar do alto índice de diferentes tipos de *bullying*, não foi registrada durante a pesquisa, nenhuma ação da gestão escolar voltada para combater essas práticas, seja por meio de projetos específicos, com ações constantes e ou periódicas, ou ações esporádicas que possibilitassem aos alunos a compreensão acerca da socialização harmoniosa nos mais diversos espaços da sociedade, com base no respeito ao outro e na compreensão de que cada ser humano tem o direito de viver de maneira saudável.

Palavras-chave: Bullying. Violência. Ensino Fundamental I.

INTRODUÇÃO

O bullying é uma ação caracterizada por agressões intencionais feitas de maneira repetitiva por uma ou por um grupo de pessoas em detrimento de outra (as). “De forma ‘natural’, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas”. (SILVA, 2010, p. 7). Este fenômeno tem crescido mundialmente nos mais diversos locais de convivência entre os seres humanos, mas na escola, que é um local onde comporta crianças e adolescente em grande escala, trata-se de uma questão emergencial, pois é um dos ambientes mais propícios para acontecer esse tipo de violência, tendo em vista que é nessa fase que os

¹Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas. terezajpc@gmail.com;

²Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas. marciannessilva@gmail.com;

³Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas. sasquiav@gmail.com;

⁴Doutora em Antropologia Social e professora do Curso de Pedagogia e Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas. audirenecordeiro@gmail.com.

⁵ Doutora em Educação e Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM) Campus Universitário, Parintins (AM). E-mail: corina.ftima@yahoo.com.br;

indivíduos estão construindo suas identidades, descobrindo-se e se autoafirmando enquanto sujeitos sociais.

A Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015, instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Em seu art. 5º descreve que é dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática. Concomitantemente, o Artigo 17 da Lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe que “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

Portanto, esta pesquisa objetiva analisar a incidência e os tipos de bullying manifestados pelos estudantes em uma escola da rede estadual no município de Parintins-AM. O estudo apresenta-se como relevante por se tratar de um fenômeno cada vez mais frequente nas escolas, influenciando diretamente na vida pessoal e escolar dos estudantes. Desse modo, acredita-se que as reflexões e resultados aqui apresentados possam contribuir para um melhor direcionamento do combate ao bullying na escola.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de cunho qualitativo permite ao pesquisador o contato direto com os sujeitos, o ambiente e a situação pesquisada. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11). Segundo Silva, Gobbi e Simão (2005, p. 71), esse tipo de pesquisa tem como finalidade “compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para os indivíduos, em situações particulares”. Ela possibilita, ainda, o trabalho com o universo dos significados, crenças, percepções, sentimentos, valores, opiniões e atitudes dos sujeitos sociais e, assim, permitir compreender um nível de realidade que não pode ser quantificado. (MINAYO, 2010).

A pesquisa teve como lócus uma escola estadual de Parintins/AM a qual atende crianças de 6 a 12 anos de idade oriundas dos diversos bairros da cidade, nos turnos matutino e vespertino. Os sujeitos da pesquisa foram 34 (trinta e quatro) alunos de 1º ao 5º ano do Fundamental I, de um universo de 614 (seiscentos e quatorze) estudantes, distribuídos em 18 (dezoito) turmas do turno matutino e vespertino. O quantitativo de registros coletados por meio de desenhos e produção textual textos descritivos escritos verbais e textos descritivos verbais e não verbais (ilustrados) foi 314 (trezentos e quatorze), porém, destes, somente 34 (trinta e quatro) configuram-se como caso de bullying.

Para a coleta e produção dos dados foi realizada a observações na sala de aula e durante as atividades pedagógicas internas e externas. Silva e Menezes (2005) A observação consiste na utilização dos sentidos para obtenção dos determinados aspectos da realidade, mas “[...] para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25).

Os casos visíveis de *bullying* foram registrados em fichas, e os demais foram manifestados pelos (as) alunos (as) por meio do “painel das emoções”, desenhos e produção textual. O painel de emoções foi uma estratégia utilizada pelas pesquisadoras para coletar dados individuais e subjetivos sobre situações geralmente de violência que impedem a vítima de externar publicamente essas agressões. Este consiste em um quadro com quatro “emotions” (indicando raiva, felicidade, tristeza e medo), contendo uma espécie de bolso embaixo de cada expressão, exposto no hall da escola onde os sujeitos que estão participando da pesquisa podem visualizar.

As pesquisadoras explicaram a procedência do painel suscitando que se o aluno sofreu algum tipo de agressão física ou psicológica deveria depositar seus relatos em forma de pequenos textos escritos e/ou desenhos no bolso que corresponda a como se sentiram no momento da agressão. Essa estratégia foi aplicada durante duas semanas e foram coletados 20 (vinte) relatos escritos e 14 (quatorze) desenhos.

Os dados foram analisados considerando o referencial teórico adotado e o objetivo proposto. Nas análises, optou-se por identificar os sujeitos da pesquisa com a letra inicial de cada tipo de bullying mais um número de ordem aleatória com intuito de preservar a identidade dos alunos, exemplo: Social: S3; Físico: F2; Sexual: S1; Material: M1; Psicológico: P2; Verbal: V4; Moral: M1.

BULLYNG: BREVE REFLEXÕES E O PAPEL DA ESCOLA

Em sentido etimológico, a palavra bullying é de origem inglesa, derivado do verbo *bully*, que significa machucar ou ameaçar alguém, ou ainda valentão, tirano (MOTA, 2012; ESTEVE; ARRUDA, 2014). A Cartilha “Bullying não é brincadeira” descreve a respeito do conceito de bullying que “[...] se pudesse ser traduzido, seria algo como intimidação, desejo, consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-lo sob tensão” (SCOREL; SCOREL; BARROS, 2009, p. 5).

No Brasil, por exemplo, não há um consenso no que se refere a tradução da palavra bullying, mas cotidianamente usa-se esse termo com o mesmo valor do significado das

palavras chacota, ameaça, assédio e intimidação, ou ainda judiar e implicar, além dos termos próprios de cada região do país. O termo que mais se aproxima da palavra bullying na língua portuguesa é “bulir”, que significa mexer, tocar, causar incômodo, zombar e etc.

As práticas do bullying se manifestam principalmente no espaço escolar, sendo assim é importante ressaltar a necessidade de intervenções por parte da escola, como forma de evitar a formação de um adulto que não possui senso de boa convivência. Dada à complexidade do fenômeno bullying, as diferentes manifestações agressivas deste fenômeno podem ser classificadas em: físico e material, verbal, social, moral e psicológico, sexual e cyberbullying.

A prática do bullying tem se tornado cada vez mais frequente entre as crianças e adolescentes, abrangendo pelo menos oito tipos⁶ 1. *Físico* - é violência física como de socar, chutar ou empurrar alguém repetidas vezes; 2. *Material* - roubar, furtar ou destruir as coisas de alguém; 3. *Moral* - quando acontece difamação, calúnia ou quando se espalham boatos e mentiras em face de alguém; 4. *Psicológico* - perseguir, amedrontar, aterrorizar, manipular, intimidar, dominar ou chantagear uma pessoa; 5. *Sexual* - assediar, passar a mão, induzir ou abusar alguém; 6. *Social* - ignorar, isolar ou excluir alguém do convívio social; 7. *Verbal* - insultar ou xingar de forma repetitiva ou criar apelidos que humilham as pessoas; 8. *Virtual/ Cyberbullying* - humilhar alguém via internet, aparelhos eletrônicos, enviar mensagens que invadem a intimidade, falsificar fotos e dados pessoais provocando constrangimento.

O bullying não é uma brincadeira, haja vista que a brincadeira se configura por ser lúdica e divertida, caracterizada pela afetividade e ser uma atividade prazerosa. De acordo com Escorel, Escorel e Barros (2009, p. 7) “[...] só existe brincadeira quando todos os envolvidos se divertem. Quando uns se divertem e outros sofrem (porque são objetos da diversão), não pode haver brincadeira e sim violência”. Nesse sentido, encarar atitudes agressivas de uma pessoa com outra (as) como algo inocente é naturalizar a violência dentro da sociedade, negligenciando e favorecendo que esse fenômeno tome proporções ainda mais complexas. Os autores discorrem que as consequências para quem sofre bullying são imprevisíveis, vão desde o isolamento, até agressões, homicídios e tentativa de suicídio. As vítimas desenvolvem desejos de vingança e destruição, que podem levá-las a um quadro de depressão.

Na escola, a relação professor-aluno é um dos requisitos importante de combate ao bullying, pela oportunidade de estreitar laços e a possibilidade de estabelecer confiança mútua entre as partes, abrindo então um espaço de diálogo e grandes descobertas, no qual o professor

⁶ De acordo com o site (<http://www.santacruz.rs.gov.br/bullying/index.php/principal>) do município Santa Cruz do Sul -RS em campanha do combate ao bullying.

que acompanha a trajetória do sujeito conhecerá as causas de seu desinteresse pelos estudos, da aparência entristecida, isolamento, do aluno que aparece marcado fisicamente, pelo seu baixo rendimento escolar.

Fante (2005, p. 168-169) afirma que:

Entendemos que a escola tem o dever de prevenir o fenômeno violência que se desenvolve em seu contexto, e de intervir impedindo a sua proliferação. Entretanto, para que isso aconteça, seus profissionais devem ser capacitados para atuar na melhoria do espaço escolar e das relações interpessoais, promovendo a solidariedade, tolerância, o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolve toda a comunidade escolar.

A escola precisa ser lugar de boas aprendizagens pedagógicas, mas também de reforçar valores para se estabelecer boas convivências, boas atitudes comportamentais e acima de tudo para que prevaleça o respeito entre as diferenças. Enquanto educadores, precisamos superar a prática de bullying na escola e evitar que tragédias violentas e ou de qualquer natureza aconteçam com os alunos, por não saberem lidar com a problemática e suas consequências. Abramovay e Rua (2003, p. 4), descrevem que:

[...] a escola deixou de ser um espaço protegido e tornou-se um local que reproduz as violências que acontecem em nossa sociedade, a nível macro e ao mesmo tempo, devido às suas especificidades como instituição, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violências.

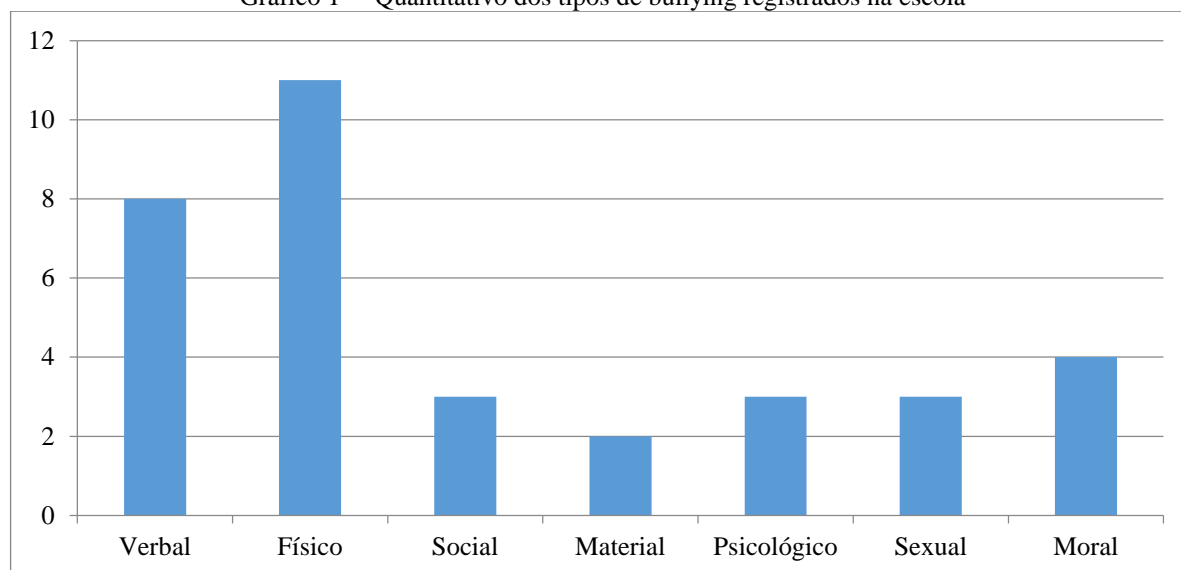
É evidente que este é um grande desafio que precisa de todos os envolvidos para se concretizar, os profissionais da educação, psicólogos, médicos especialistas e os que convivem diariamente com as crianças, começa na família, mas deve ser muito bem analisado e trabalhado na escola, o olhar do educador consciente aos danos causados pelo bullying faz toda diferença no momento de identificar, intervir e sanar casos dessa natureza.

É um trabalho coletivo que exige capacitação profissional, conhecimentos, técnicas e metodologias diversas em cada ação de construção para o bem da educação do futuro, com a certeza de transformar o ódio, a agressividade, sentimentos negativos e violentos para que se prevaleça à cultura do bem e da paz social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa foram observados 34 (trinta e quatro) estudantes com o objetivo de registrar os tipos de violência sofridos e/ou praticados por eles durante o recreio, dentro da sala de aula, na entrada e saída tanto da escola quanto das salas. O resultado foi à identificação de 314 (trezentos e quatorze) casos, entretanto, somente 34 (trinta e quatro) configuram-se como caso de bullying, conforme demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantitativo dos tipos de bullying registrados na escola



Fonte: Pesquisa de campo - 2019.

Como demonstrado no gráfico acima, o tipo de bullying com maior incidência é o Bullying Físico, por meio do qual as vítimas sofrem maus tratos e agressões corporais, enquanto que o tipo com menor incidência foi o bullying material. Os alunos manifestaram as agressões de duas formas: por meio de textos descritivos escritos verbais e textos descritivos verbais e não verbais (textos ilustrados), referente ao bullying social, material, físico, verbal, moral, psicológico e sexual.

Os relatos escritos mostram que o bullying social é visto pelas crianças como uma agressão descomunal: *“me exclui do convívio com meus colegas, eu me isolo, pois, o agressor é invejoso e essa inveja o torna perigoso”* (S1); *“ignorar e tratar mal os outros é ruim, como fizeram comigo”* (S2); *“uma menina entrou na escola e falava com todo mundo menos comigo e também falou para minhas colegas que não podiam falar comigo”* (S3).

O bullying social está relacionado principalmente à exclusão de uma pessoa ou de várias pessoas do convívio social, neste caso se tratando de escola, da exclusão das atividades e brincadeiras em grupo, seja por preconceito de raça, cor, religião ou por mera implicância com o outro.

Simmons (2004, p, 11) afirma que este tipo de bullying é muito comum entre as meninas, que usam da maledicência, exclusão, fofoca, apelidos maldosos e manipulações para causar sofrimento psicológico nas vítimas. Esse comportamento frequentemente ocorre dentro de seus círculos de amizade, dessa forma há uma maior dificuldade de identificação do comportamento agressivo contra seus pares.

Figura 1 – Desenho de aluno



Fonte: Resultados coletados do Painel das emoções, 2019.

A maioria dos alunos descreveu que as agressões físicas sofridas estão relacionadas a empurrões como podemos verificar em suas falas: *“dá quando me empurram e me batem, queria que isso parasse” (F8); “minha colega bateu no meu nariz, não é legal fazer isso com ninguém” (F1); “meu colega é maior que eu e ele se aproveita para me socar” (F3).*

Figura 2 – Desenho de aluno



Fonte: Resultados coletados do Painel das emoções, 2019.

O bullying físico é aquele em que o agressor utiliza da sua força física para machucar sua vítima ou se aproveita da fragilidade quanto ao tamanho e intimidação da vítima, nesta modalidade o agressor “[...] bate, puxa o cabelo, belisca, morde, prende a pessoa em algum lugar ou realiza algum outro ato violento por um pequeno motivo ou sem motivo algum” (HOERTEL, 2013, p. 13).

Sobre o bullying material, as crianças descrevem que *“não sei por que eles rasgam as folhas do meu caderno, já falei para a professora, mas não ajudou muito” (M1);* outro

afirmou: “meu colega destrói meu caderno e quebra meu lápis, às vezes não quero vim para escola, pois sei que vou perder meus materiais” (M6). No bullying material a vítima sofre pelos danos em relação ao material escolar, tanto pela destruição quanto pelo furto dos mesmos.

O bullying verbal sofrido pelas crianças é relacionado aos seus tipos físicos e as crianças relataram: “se sofro o bullying é porque quem faz não sabe o que diz me chamam de burro, isso machuca” (V1); “por eu ser grande me chamam de gordo, eu chorava de raiva” (V2); “um dia estava no pátio da escola [...], derrubei sem querer o sorvete de outro aluno e ele veio logo me chamando de pateta e desgraçado [...], isso me fez mal” (V3); “só porque eu sou beijuda e bochechuda, eles vivem me apelidando” (V4).

Figura 3 – Desenho de aluno



Fonte: Resultados coletados do Painel das emoções, 2019.

Caracterizado por ser de caráter individual, o bullying verbal diz respeito às piadinhas, gozações, xingamentos, humilhações públicas, comentários racistas, ofensas e apelidos pejorativos, fofocas e conversas inventadas sobre uma pessoa (ZEQUINÃO, et al., 2016; FERREIRA; SILVA FILHO, 2017). Esse é o tipo de bullying mais comum e sempre foi visto como uma brincadeira principalmente por aqueles que não eram os alvos de tal ato.

Referente ao bullying moral, a criança M1 disse que um aluno novato o chamou de gay por ele ser o pajé⁷, e ainda espalhou para sala toda. As outras crianças relataram que: “a fofoca sobre os outros não é legal, pois causa sofrimento, eu sofri muito” (M2); “um dia eu fiz um teste eu fingi que estava doente e contei para minha amiga e ela contou pra todo mundo e quando eu cheguei, todo mundo me olhou com cara de que estava errada, eu fui

⁷ Pajé é uma palavra de origem tupi-guarani utilizada para denominar a figura do conselheiro, curandeiro, feiticeiro e intermediário espiritual de uma comunidade indígena.

para o banheiro e chorei” (M3); “sem querer esqueci o caderno e o colega fofocou para professora, eu fiquei triste e minha nota foi zero” (M4).

O bullying psicológico ficou evidente a partir do relato “*eu nunca sofri bullying, mas minhas melhores amigas sim! Trancaram elas no banheiro, é como se eu tivesse sofrido, eu fiquei desesperada, com muito medo, apavorada” (P1); “ele me trancou no banheiro, eu fiquei com muito medo, foi horrível” (P2); “um dia um garoto do 5º ano me prendeu até o final do recreio para o lado de fora da escola e a minha colega disse que ele podia nos trancar, então sai correndo” (P3).*

Figura 4 – Desenho de aluno



Fonte: Resultados coletados do Painel das emoções, 2019.

O *bullying* moral e psicológico são aqueles em que o agressor procura intimidar e atentar contra a honra de outra pessoa, trata-se de um bullying de forma indireta, mas que não é menos cruel do que o bullying físico ou verbal (MOTA, 2012). Na maioria das vezes se caracteriza pelas calúnias, difamações e injúrias ou ainda pelo processo de exclusão e isolamento. Trata-se ainda do repasse de “[...] bilhetes e desenhos entre colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre meninas)” (FERREIRA; SILVA FILHO, 2017, p. 23).

Sobre o bullying sexual: “*meu colega passou a mão na minha bunda, foi tão rápido que não reagi” (S4).*

Figura 5 – Desenho de aluno



Fonte: Resultados coletados do Painel das emoções, 2019.

O bullying sexual, segundo Hoertel (2013), é mais frequente entre as meninas, principalmente aquelas que se desenvolvem mais rápido ou são mais atraentes. Nesse tipo de bullying destacam-se atitudes de abuso, violência, insinuações e assédios. Um exemplo muito comum desse tipo de bullying é quando o agressor se aproveita do estado de vulnerabilidade de uma vítima, especialmente de adolescentes alcoolizadas.

Diante dos dados obtidos por meio do relatos e desenhos dos alunos é importante compreender a necessidade de combater práticas de bullying na escola, principalmente o físico, que é o com maior incidência. Nesta realidade, a escola precisa organizar atividades que envolvam a temática de modo que os alunos possam compreender a importância da aceitação e reconhecimento do outro enquanto sujeito de direito e único, com suas características, vivências, sonhos e perspectivas de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os elementos provenientes da demonstração de bullying como violência que se propagou nas dependências da escola, esta pesquisa propôs-se a analisar os tipos de bullying manifestados por estudantes na faixa etária de 6 a 12 anos.

O bullying físico é o que acontece com maior incidência, pois conforme relatado pelas crianças, estas são vítimas constantes de empurrões, beliscões, puxões de cabelo, tapas, chutes, ocasionando medo, dores e escoriações. Somado a este, está o bullying verbal por meio do qual as crianças sofrem piadinhas, insultos, xingamentos, apelidos, disfarçado muitas vezes de brincadeira.

Além dos tipos de bullying já mencionados, também foram identificados o bullying social e psicológico, sendo o isolamento e a exclusão o que mais tem atingido os estudantes,

levando-os a tristeza, baixa autoestima e solidão. Além destes, estão presentes também o bullying moral, material e sexual.

Portanto, entende-se que há necessidade de a escola buscar mecanismos que possibilitem a desconstrução de práticas que massacram o sujeito (causando dor e sofrimento) e desequilibram o ser humano em todos seus aspectos (cognitivo, intelectual, emocional).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2003

BRASIL. **Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em 12 de maio de 2019.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10618111/artigo-17-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em 12 de maio de 2019.

Bullying. Santa Cruz do Sul, RS. Disponível em: <http://www.santacruz.rs.gov.br/bullying/index.php/principal>. Acesso em 06 de maio de 2019.

SCOREL, Soraya Soares da Nóbrega; SCOREL, Alley Borges; BARROS, Ellen Emanuelle de França. Ministério Público da Paraíba. **Bullying não é brincadeira**. João Pessoa, PB: Gráfica JB, 2009.

ESTEVE, Crislaine Elza Aparecida; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. Bullying: Quando a brincadeira fica seria, causas e consequências. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v 5, n.1, , 2014.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. 2. ed. Campinas: Versus Editora, 2005.

FERREIRA, Dennys Gomes; SILVA FILHO, João Carlos da. Brigar pra quê? *Bullying* na escola. **RELEM – Revista Eletrônica Mutações**, jan–jun, 2017.

HOERTEL, Patricia Lavrador. *Isso é mesmo bullying?* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOTA, Rita de Cássia Oliveira. **Do reconhecimento dos tipos de bullying para a política antibullying**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2012.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método**. Organ. Rurais Agroind., Lavras, v.7, n.1, p. 70-81, 2005.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo**. A Cultura Oculta da Agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida (et al). *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>. Acesso em 8 de maio de 2019